

Revista Nova

Lisboa, 15 de julho de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 99 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

Canção bohemia

O outono, languido, enternecido, beijava, n'um adeus de despedida longa, os esmaecimentos da luz quasi poente d'essa tarde.

Uma tristeza vaga caía lenta nas serras, nos valles, nos montes. Na alma uma saudade indefinida, em paz um ceu de anil, desfolhadas as arvores, e ao longo da fita azul do Tejo o verde-negro dos pinhaes com salpicos de terreolas e casaes brancos. Em redor, outeiros calvos, amarelentos, oliveiras doentias, muros meio derrocados: — toda uma terra cançada, parecendo pedir que a embalem n'um somno de morte. Mas ao longe, para o sul, ergue-se a Arrabida, altiva, grandiosa, ingente, de perfil duro, vincado, nervoso, de pulmões resfolegantes, sempre energica e prompta para arrancos de lucta, estendendo o braço heroico e accordando, a puxões violentos de Nun'alvares, essa terra, esse mundo, que assim pediam que os deixassem morrer. N'uns restolhos de seára, breves, resequidos, n'uns ramos de verde fenecido cortados das arvores, pascem umas cabritas, magras de cahir pelle e osso, de têtas mirradas, sem leite para o café d'um tisico ou d'um litterato. Em barrancos fundos cavam-se hortas, apertam-se socalcos, rastejam plantas já sem succo, esguiam-se arvores nuas, desoladas, e as aves emmudeceram, — um abaixar elegiaco da encanecida barba de Jehovah.

Depois seguem, reviram azinhagas, escarpam-se collinas, estendem-se lençoes de herva secca, queimada pelos beijos ardentes do estio. Aqui e acolá, assomam montes olivetes, sem soluços tragicos de Nazarenos, sem paixões de Magdalenas, porque outra Jerusalém lhes cae aos pés: Jerusalém com rabbis de casaca e peitilho de opera, com synagogas nos syndicatos, com publicanas que se sacramentam nas egrejas e nos conventos, e que á noite nos salões decotam as mamas em pruridos de sensualidade á mistura com visões de felicidade eterna.

E, mais além, anhelantes ainda do azul-loio, resaltam, furam do branco das paredes e dos tumulos os cyprestes do Alto de S. João. N'este momento, harmonias extranhas parecem fazer adormecer n'uma paz inconsciente o Tejo, as planicies, as serras, os montes, os valles — toda a terra, o universo. E a luz vae esmaecendo.

*
* *

Acompanhando uma guitarra, vagarosa, dolente, ouve-se em canção de fado:

Deu um ai, deu um gemido,
Que a todos causou paixão...

Gente passa, em passeio de ar livre ou de volta aos seus amados na morte. Muitos param diante do caramanchão, já secco de parras. Outros entram, recuperam forças perdidas na fabrica, na officina, nos casebres, na labuta da vida, ao som da guitarra que, então suave, desfere agora canções libertarias, de fogo, de sangue. Todos escutam, todos se arrebatam; só não se commove a este arfar de liberdade em caramanchão, só não estoira a esta dynamite de notas, a dona do restaurante, que serve, com rapidez espantosa, em ancas gordas, ecclesiasticas, carapau frito a uns, e atum com cebolla a outros.

O ajuntamento vae crescendo, crescendo, n'um esquecimento serafico das mesas dos lucullos, dos donos da terra; tem carapau, atum e guitarra, e isto lhe basta. Está bem humorado, amoroso, indifferente ao pennacho d'um general ou ministro, á gordura d'um bispo, á invejavel limpeza de fraldas das damas de bailes diplomaticos. Esvasiaram-se-lhe por um momento os desesperos, e quem sabe se outra tarde, tão meiga, tão doce, lhe virá bafejar o rosto e os pulmões. E de que servem lagrimas, flores, ha pouco depositas, entrelaçadas em sepulchros de marmore ou em cruces de valla rasa? Bagatella, culto tradicional, que não allivia a alma dos mortos, nem retempera o estomago dos vivos. Os que morreram, morreram, não voltarão mais, e estão lá muito melhor na paz inconsciente. Toca! á vida! para a guitarra das hortas, para o piano das salas, para o orgão das egrejas.

*
* *

O dia tem agora fracos reverberos, escoados por entre predios e torres d'um dos altos da cidade: vae apagar-se de todo, e com elle o incendio que ateou a guitarra. Volta-se á plangencia, ás canções ligeiras, mas já ninguem quer demorar-se, porque um ar frio começa a cortar na carne. Todos partem, n'uma desfila de goso, de magoas, de recordações e de saudade dos esmaecimentos da luz, do morrer d'essa tarde de outono.

E ao longe, muito ao longe, d'entre as sombras da noite que começa, ouve-se uma voz dizer claramente:

— Oh vida pifia, mysteriosa! não satisfazes completamente uma comichão de umbigo, e dás azas ao espirito para poder voar nas cristas do Ideal!

Martins Figueira.



A ESCULPTURA

LAS HIJAS DEL CID



Grupo em marmore de **Morales**

Carta a uma mãe

Senhora:

AINDA que ninguém nos tenha apresentado, entre a usual curvatura de espinha e o sorriso posto para todas as ocasiões; ainda mesmo que os vossos candidos olhos, entre os seus poucos desgostos na vida, não tenham tido jamais o de me ver, ousou comtudo apresentar-me hoje a V. Ex.^a com quem desejo ter dois dedos de conversa.

V. Ex.^a encara-me, admirada... Nada tema, porem.

Eu sou um sujeito a quem a senhora preocupa ha 31 dias...

Novo espanto da sua parte, o que é bastante natural e que me obriga a ser claro, o que é justissimo. Eu moro n'aquella casa onde a senhora foi, durante esses 31 dias, com a filha pela mão, assistir á novena. Passava perto da minha janella e eu vi que durante esse tempo a pequerrucha trouxe cada dia um vestido novo... Isto parece-lhe que não é nada e todavia, consultando a minha consciencia e folheando depois o meu vocabulario, só achei esta expressão para classificar isso: uma infamia.

Senão queira V. Ex.^a ouvir duas palavras:

Essa creança que tem hoje 6 annos, amanhã será mulher, depois mãe, por sua vez. A ostentação luxuosa da sua meninice passará á mocidade e seguirá pela vida fóra como uma coisa indispensavel.

Não tratará da sua educação intellectual, porque uma coisa mata a outra, mas terá uma gloria: a variedade do seu guarda-roupa; não terá uma ideia clara do seu papel na vida, da sua missão de mulher, mas achará meios de se mostrar, apresentando cada dia aspectos novos, provocando novas sensações; esquecer-se-ha dos outros, porque se occupa demasiadamente de si; rir-se-ha quando lhe fallarem de abnegação, e como tudo n'ella é artificial, o seu amôr será tambem amôr estudado, artisticamente falso, e a sua dedicação enganadora; terá um sorriso estudado para cada amabilidade, um suspiro fingido para cada tristeza; possuirá tudo, menos um coração; saberá tudo, menos cumprir o seu dever; ignorará os mais rudimentares principios de culinaria, a ponto de não saber fazer um caldo ou tratar um doente; desconhecerá todos os pequenos misteres da dona de casa: alinhar um lenço, remendar peugas, pregar botões, etc., mas ninguém a excederá na subtileza d'uma walsa, entre os dois braços do primeiro que a sollicitar; olhará com indifferença para os modestos e com desprezo para os esfarrapados; os homens seduzir-se-hão por aquellas maneiras e cederão á plastica d'aquella carne lubricamente offerecida; e porque a sua unica aspiração será achar o filho d'um burguez rico, que a leve a gosar novos prazeres, casará, e esse homem, já cançado do vicio, inteiramente gasto, será atraído um anno depois, por insufficiente, e começará o martyrio dos mal casados...

Se não casa, então ainda peor: aquelles a quem cegou com exterioridades, conhecerão por fim que aquillo é apenas um cerebro vazio, uma nobreza vã... Começará a descida. Vendo-se lançada á margem, entregar-se-ha ao primeiro que vier e que fará d'ella uma victima. Então

os vestidos começarão a andar no corpo d'uma a outra primaviera, e por fim já andarão até se tornarem diaphanos pelo attrito.

Principiará a desgraça. . N'um supremo esforço de cortezã ultrajada, atirar-se-ha para a rua, com impudôres de mulher apeteçada e cahirá para sempre!

Isto, senhora, tem succedido a muitas, e continuará succedendo emquanto, por defeito das constituições dirigentes, houver mães que gastem em banalidades o suor dos mais, como V. Ex.^a, e mães a quem falte o que lhes pertence de direito, como áquella que aqui passa todos os dias do anno, ao sol e á chuva, acarretando saibro no seu carro de mão.

Não me espantarei se ámanhã me disserem que essa filha de que tanto se orgulha recebe em casa mundanos a 200 réis por cabeça ou segue em companhia de ciganos roubando pelas aldeias.

E tudo isto, senhora, porque ninguem lhe dirá que a vida é cheia de distancias a percorrer e de abysmos a transpôr, um grande esforço sempre; isto porque nunca ouviu dizer que o premio do nosso trabalho, a consolação da nossa dôr, estão d'aquella banda, que é preciso alcançar.

Pobre filha, essa que aqui trouxe hoje pela ultima vez!

Como eu tive pena d'ella quando a vi passar por duas creanças esfarrapadas e olha-las com altivez, com desprezo quasi!

V. Ex.^a, porque não comprehende toda a dor d'uma consciencia revoltada, não acreditará decerto se lhe disser que sinto ainda a impressão d'uma lagrima que me escaldou a face quando as outras, ao vel-a passar, toda linda no seu vestido côr de rosa, a seguiram com a vista até vel-a desaparecer pela porta da igreja. . .

E não sei quem me impressionou mais, se a sua pequerrucha, viciada no seu papel de innocente, se as outras, ultrajadas na sua vida de famintas!

Quando finalmente se abaixaram a continuar o brinquedo interrompido, alguma coisa preocupava ainda aquellas pequenas consciencias, porque se conservaram longo tempo caladas.

Quando, depois da novena, tornaram a passar, vi da minha janella que as pequeninas operarias embarreadas vos seguiram pela estrada além, a distancia, com medo de vos enlamearem.

Não sei se V. Ex.^a sentiu a vergonha da sua posição.

Eu por mim tive a coragem de desviar os olhos para vêr se conseguia apagar da memoria esse quadro doloroso.

Porque o não consegui é que hoje escrevo estas palavras.

Ah! a pobre creança enganada! . . .

V. Ex.^a não está agora certamente para me descrever as magnificencias da sua pequena alcova, o espelho, o toucador, o leito; nem eu a quero incommodar com coisas de tão somenos importancia: basta-me saber que tem tudo isso. O que eu pergunto é se toda essa ostentação pôde tornal-a feliz, fazer d'ella uma mulher de bem! Pergunto isto, sabe porquê? Eu lhe conto:

Era por uma d'estas tardes de maio, tão cheias d'essa magnificencia pantheista que nos suggestiona a alma, quando os ultimos clarões do sol poente batem de chapa, reflectindo-se, nos vitraes das nossas habitacões; uma d'essas tardes em que os vermes accusam a Providencia por

lhes não ter dado azas e em que as aguas deslisam mansamente ao gorgear da passarada na ramagem...

V. Ex.^a desculpe esta revoada lyrica, mas custava-me descrever-lhe o que se segue, se lhe não pintasse o que ahí fica.

Era, pois, n'uma d'estas tardes de maio. V. Ex.^a acabava de passar da novena e eu, dentro do meu quarto, sentado na minha cadeira de pinho, uma perna a cavallo na outra, contemplava — ora imagine o quê? — o meu mobiliario. E vi, Ex.^{ma} Sr.^a, um espelho partido em dois pedaços, mas que não espera ser substituído porque me satisfaz: a sua fidelidade é manifesta quando me apresenta uma cara igual á minha, uns olhos semelhamtissimos aos meus, um cabello exactissimamente desalinhado, como o meu, em dois turnos, um ascendente outro descendente; emfim, um movel sem contrafacção. Attentei depois no meu lavatorio, que é uma taboa, contentando-se perfeitamente com a minha bacia, que é um caco; coisas estas que eu acho sufficientemente habilitadas para a conservação da saude e aceio do corpo. Do lado opposto, a cama, com as trazeiras assentes sobre uma arca desmantelada, mas segura bastante para me garantir a tranquillidade no somno. Em seguida vi o guarda-roupa, que é o mesmissimo do anno passado, excepção feita á calça, onde resplandece a amabilidade de certo cão de gado, meu patricio, que teima em ser elle sempre o primeiro a experimentar-lhe o panno. Juntesse a tudo isto a banca onde escrevo estas linhas e será completo o meu mobiliario.

Pois bem, Ex.^{ma} Sr.^a, apesar de tal defficiencia mobiliarchica, diabos me levem se aqui não vivo satisfeito; comtudo perguntei ainda á minha consciencia se o luxo principesco dos outros faltaria á minha felicidade, depois do que ella me respondeu com estas sensatas observações, que eu tomo a liberdade de repetir a V. Ex.^a:

«A felicidade do individuo sobre a terra, disse ella, não está no bem que se recebe, mas sim no que se pratica; o maior dos thesouros será sempre uma alma generosa, um coração puro, que esqueça as necessidades proprias para só lembrar as alheias; terás tudo, mas se não tivéres o amor para com teu semelhante, serás um miseravel; o homem que...»

Mas V. Ex.^a não está decerto para aturar as prelecções doutrinarias da minha consciencia, e está no seu direito.

Reatando, pois, a ordem da nossa conversação, eu sou levado a concluir que sua filha não póde ser feliz com o superfluo. Isto é um principio que nunca se contradisse: e está tudo dito.

Objectar-me-ha agora V. Ex.^a, que d'esta maneira não permitto que haja casas bem ornamentadas nem pessoas decentemente vestidas...

Não, Ex.^{ma} Sr.^a, não quero isso: o que não quero, o que me revolta é que haja ali uma mãe que dê á filha um novo vestido cada dia, sem se lembrar de que a estas horas muitas não saem á rua porque não teem nenhum ou porque estão remendando o unico!

Por isso V. Ex.^a, ostentando uma creança cheia de atavios, com que julga deslumbrar toda a gente, não sabe como isso me revolta, bem como a todos aquelles que teem fome e sêde de justiça.

Durante esse tempo em que nos deu a honra da sua visita, mal sabe o que se passou no pequeno cubiculo onde vive este seu adversario!

Disseram-se coisas de mil diabos, Ex.^{ma} Sr.^a!

Fallou-se na origem do mal, e o anathema cahiu sobre a sua cabeça; fallou-se no direito de propriedade, e foi considerada possuidora de

bens expoliados; fallou-se de fome, peste e guerra, e foi declarada inimiga da humanidade. Até dois camaradas, que ali vivem de frente, aqui teem vindo fallar-me da sua pessoa para me verem indignado. Ainda hontem sequei os bofes para fazer acreditar a um miserável que me chamou utopista, que nada do que a senhora ostenta lhe pertence de direito.

E para isso deram-se murros aqui na minha banca, ameaçaram-se queixos, insultaram-se dignidades, chocaram-se principios e borraram-se pergaminhos!...

Imagine V. Ex.^a quanto nos incommoda!

Que pena ter vindo todos os dias á novena e não ter ouvido o que lá se disse... Porque eu não me lembro bem, mas deve ter-se fallado dos grandes principios sociaes e apontado os males das sociedades contemporaneas. Se tivesse estado com attenção, certamente teria ouvido dizer que aquella Mãe que adoravam, foi uma pobre operaria da Galiléa, que trabalhou para comer; que seu Filho foi operario antes de ter produzido a grande revolução dos espiritos pela força ainda hoje incomprehendida do seu verbo; devia ter ouvido dizer que elle passou uma vida de trabalho, dizendo a todos que todos eram irmãos, membros da mesma familia e que, um dia — trabalhassem, praticassem o bem — iriam tomar assento á mesa do Pae-commum; o mesmo que dizia aos escribas e phariseus hypocritas que elles eram uma raça de viboras; o mesmo ainda que andou a dizer por toda a parte que quando tivessemos dois vestidos déssemos um.

Que veio, pois, V. Ex.^a cá fazer, se não foi para ouvir e seguir essas palavras sempre novas apesar de reproduzidas ha vinte seculos?

E aqui fecho as minhas observações, que V. Ex.^a já deixou escapar pelo ouvido opposto áquelle por onde entraram.

Pois digo-lhe que fez mal. D'essa maneira não poderá dizer aos seus netos, expulsos um dia do lar materno pela necessidade dos mais, que antigamente, quando era feliz, entre tanto basbaque que à viu na soberania do seu porte, houve um que protestou: o desconhecido que para elles escreve estas palavras sopradas pela trompa da indignação, ao pensar nos que não teem, para a noite, um leito onde dormir, nem um pão para amanhã comer!

Coimbra—1 de Junho.

Thomaz da Fonseca.

Historia tragica d'um cãesinho de estima

II

Na estrada velha o pesado portão de carvalho rangia batente vagaroso para franquear visita a quem se agrupava no terreiro, desde manhãsinha.

E a longa theoria de mulheres acurvadas, com os rapazelhos bizonhos arrellados ás saias, subia humilde, olhares de esconso, silen-

cios respeitosos de quem atravessa altas naves de solitarios templos, a larga rua central que as perfumadas arvores ensombravam de leve, troncos vergados pelos fructos que o sol carminava amadurecendo.

Em sua cadeira de encosto, de palha da ilha, na sombra da parreira de ferral, D. Angelica a todas acolhia com uma palavra de agrado, uma pergunta, uma attenção firme ao desfiar de miserias, um conselho, ás vezes, uma reprimenda pela tardia vinda, até ella, como se não a conhecessem, e logo, para abrandar, festas nas caras lavadas dos garotos, trombudos, beijos aos mais pequenos. E a longa theoria acurvada encarreirava para os lados da cosinha, tomava depois a outra rua do pomar, mais estreita, á beira do muro, cruzava o pesado portão e destroçava no terreiro, farneis bossando nos chales de vêr a Deus, troncos mais firmes pela liberdade de vistas protectoras, os rapazêlhos roendo enormes nacos de boroa, ás mãos ambas, com devorações ratinheiras, gulotonas.

A vasta cerca em horto de regalo e pomar perfumado adormecia. A fidalga entrava para almoço e d'ali até á hora do entardecer, na saleta da costura, na companhia dos retractos circumpectos das antigas morgadas com as suas brancas coifas caseiras ou trajos de galla, portas das janellas semi-cerradas contra o resplandor do sol, deixavam cahir as horas lentas do dia calmo. Merendavam sob a latada, já vestidas para o largo passeio a pé pelos campos, ao longo dos atalhos e estradas de carro.

Era n'estas jornadas de á ventura que a senhora morgada usava levar no regaço, como se fôsse creança de mama, aquella figura apavorada pelas saudações da aldeiola em pezo — um diabo de cão de palmo e meio, focinho meudo, negro de corvo e vimeiro de pernitas.

Contou o Pigarro no Belchior, d'uma vez á matadella de bicho, que aquillo lá no solar levava estimação que nem alminha christã — Deus lhe perdoasse! Quando ellas comiam — e para um que lhe extranhára o *ellas*: — A' mesma meza, ambas e duas, então que parece a vocês? uma na frente da outra, á laia de pessoas da mesma educação! — o animal patinhava ali por em riba da toalha á babuje dos pratos e a bebericar nos mesmos copos que ellas bebiam! que era até um desrespeito. Tinha um capindó amarello que o encobria todo á noite, um capindó com as armas da casa bordadas a retroz escarlata.

— Papa-fina, hein?

— Sem mais áquellas.

E o creado de meza, o Joaquim — um excellente homem que ali estava n'aquelle «poucas fallas» de Joaquim — já lhe assegurar a elle que o animaléco até dormia na cama da patroa, e não era lá aos pés, era ali, á ilharga d'ella!

— Qu'elle, lá o raio do bicho, engraçadote é elle, o alma de cantaro! Mas que diabo, parece que não é cão, nem é nada! Tão molherengo!...

E ellas, as duas?! Sua festinha p'r'aquí... sua festinha p'r'ali... «Lind'amôr» quer isto? «Lind'amôr» quer aquell'outro? que nem que o animal fôsse alminha christã! — repetia.

O prior, na volta da missa d'alva, parado á porta a ouvir, admoestava:

— O' seu Pigarro...

— Desculpara, pad'Antonio. Mas olhe qu'é mesmo assim como l'eu digo. E vössoria ahi está que não me deixa mentir. Já tem visto mais d'uma vez.

Assim era. Padre prior nos almoços a que a senhora morgada tivera a gentileza de o convidar reparára na estima fidalga pelo animal: mas o caso não soffria espantos. Varias e muitas senhoras se contavam, tanto nas terras nacionaes como nas estrangeiras, que passavam os seus ocios de riqueza entregues ás mimicas e fidelidades de semelhantes brutinhos. Ainda poucos dias antes elle lêra a inauguração faustuosa de um asylo para animaes, n'uma terra de França, e com a assistencia das primeiras auctoridades do sitio!

— Quem tem amôr para com os brutinhos não pôde ter mau coração para com os humanos. E nós temos as provas bem patentes.

Afastava-se do grupo de carões risonhos, cumprimentadores, concordes com o dito. Ia-se chegando para o almoço que já lhe começava de appetecer.

«Lindo amôr» tornou-se sympathico. Da loja do Belchior a sympathia iradiou para o povoado. O Pigarro, a instancias, imitára os admanes do bicho, maneira de jogar com as patas, de olhar, de se sentar com as mãos levantadas, focinho p'ra um lado, e tão perfeito explicou, com tanta pericia, que muitos tomaram-lhe os movimentos, já imitavam como se tivessem visto. Do que resultou, mais ao deante, levar pulha de: — «Lindo-amor» sem regaço — todo aquelle que dengava para o amorio.

E as jornadas á ventura continuavam deleitosas.

Entrava a terceira semana de estadia no antigo solar da estrada velha.

D. Angelica e sua aia seguiam lentamente o carreiro que estriava as varzeas frescas, verdejantes.

Tangiam Avé-Marias. Da aldeia, na baixa das montanhas ao sul, por onde os vinhedos grimpavam até ás escarpas tojeiras, quasi no alto, subiam com os fumos brancos, leves, dos lumes para as ceias, vozes que mais se acclaravam n'aquella hora do crepusculo. Ao norte os pinhaes escureciam parecendo tamisar de entre as agulhas as sombras dolentes da noite. Do poente a nascente, vasta planicie fertil em arvoredos, searas, aguas, desenrolava a riqueza da sr.^a morgada. Vinham até ellas, trilhos de aves para os abrigos, luzentes badalares de rebanhos, ao longe, n'uma quebrada, frescos grogrolejos de alguma bica occulta entre as sebes, chios arrastados de um carro de bois pelo caminho, lá para deante, apenas avistando-se a alta méda de carga por sobre os balseiros dos vallados, e a cantilena sentida de uma moça, para os lados do lavadouro, lastimando magoas de abandono...

Ai! meu amor de algum dia
Foi-se embora, não voltou...

... abriu ligeiro frémito nervoso na delicia panthéista da fidalga. «Lindo-amor» á solta para desenferrujar as pernas, guisando adeante das senhoras, alegre, mexediço, sentia-se todo outro. No goso pleno da sua liberdade guinavam-n'ó atrevimentos de explorador, fugindo do carreiro, embrenhando-se pelos canniços dos feijoaes, occultando-se no verde escuro das couves repolhudas, no verde fresco das alfaces, apparecendo além, n'uma clareira de hortejo para ladrar o seu contentamento, a extravazante alegria, depois seguir mais longe, ainda perdido, sempre destemido, e destacar-se a distancia á beira de um taboleiro de cebolas floridas que bem lhe podiam servir de sombra. Ellas chamavam-n'ó, batendo o pé reprehendiam. Elle todo era encurvar-se, ennovelar-se,

arrepellido, sabujo, para d'ali por momentos continuar, como esquecido, voltar depois, ás cautellas para tenteio de acolhimento, e conhededor de perdão ladrar alegre, gaudioso, impostor.

Fazia a sua quinta carreira de aventureiro quando tombou n'uma poça.

Um ladrido afflicto anavallhou a serenidade do crepusculo. As duas senhoras congelaram-se, ouvindo-o. Cahidas em si correram espavoridas na demanda do local d'onde elle surdira. Prezas da angustia, cegas pela dôr entrevista, caminhavam a direito, pisando as culturas, sulcando largo serpenteio de razzia n'aquella planice verdejante. Ao salvar de um rêgo, por engano de distancia, a senhora morgada caiu. O seu rosto mais descolorido pelo medo bateu em cheio n'uma bojuda e amarella abobora menineira. Acudiu sangue ás narinas delicadas. O vestido branco enno-doava-se de larga mancha de terra enlameada. Ergueu-se sem uma lastima. A queda maior animo lhe insuflára para a corrida afflicta. Na mão esquerda deslucada sentiu um rasto de friagem subindo. Olhou. Uma verde lagarta de horta, anafada e preguiçosa, arrastava-se. Sacudiu com repugnancia. Esta ligeira distracção valeu-lhe novo tropeço. Ajoelhou. Erguia-se intrépida para proseguir. Mas já na sua frente a prestimosa aia lhe estendia envolto em lenço branco de Alençon o corpo arrepiado do «Lindo amor».

A cova devia ter a profundidade de um braço, cheia de agua até á bordinha, e o desgraçadito já esperneava.

D. Angelica, esquecida dos proprios males, tomou-o no regaço, aconchegando-o muito para que elle aquecesse. Mas «Lindo-amor» estremeceu todo, ás ondas, em espaços breves, minado por um calefrio terrivel. Em casa vieram-lhe vômitos, não attendeu a papas, passou a noite agitado, gemebundo.

Apenas luziu o buraco, Miguel Pigarro bifurcou na egoa á desfilada para a villa. Devia trazer o alveitar a reboque, estivesse elle onde estivesse.

— E s'ó homem andar com a maleita?

Venha quem que saiba curar. Um cirurgião, um ferrador... Alguem, emfim.

O homem estava. Veiu. Vio demoradamente, fez varias perguntas.

A fidalga expunha, pormenorizava, mettia muita particularidade que não fazia ao caso, valia-se da salvadora n'alguma duvida, n'alguma resposta menos acertada, olhava anciosa o pratico nas curas de animaes — como não havia outro debaixo do sol, assegurára o Pigarro. Elle torcia o nariz, n'uma grande semcerimonia de magister. O animal emborcára agua barrenta, quantidade menos má, — e mordiscava os beiços abanando a cabeça.

— O quê?! Elle será capaz de...

Ella não tive animo para concluir.

— Não digo isso, minha senhora... Até vêr...

Receitou. Miguel Pigarro lá foi outra vez para a villa — e ainda sem gota de agua, que fosse! no *bucho* vasio.

Todo aquelle dia, a noite que se lhe seguiu, e mais dois dias e duas noites, embora esperanças animadoras do alveitar de manhã e á tarde, as duas senhoras passaram, disvellosas, constrictas, á cabeceira do «Lindo amor».

Depois, foi a tristeza (e dôr) de o verem inerte, arrefecido, ali, so-

bre aquella colcha de pennugem fria, o focinho abandonado sobre um *sachet* de setim, servindo de almofada, as pernas vimeiras estendidas, tensas por uma convulsão extrema.

O alveitar explicava a fallencia do medicamento — coisa forte, garantia a S. Ex.^a — perante a frialdade, a agua emborcada, o susto, coisas que nem de leve seriam perigo para um animal mais corpulento e habituado ás agruras do tempo; mas bastante uma d'ellas para tombar quem possuia compleição de fraquinho.

— Estes bichos são muito niquentos — ajuntou com certa demasia.

E D. Angelica commovida :

— Se nós estivessemos em Lisboa...

— Não tinha apanhado o banho. Lá existe mais resguardo, con-

cordo.

— Queria dizer. Talvez se tivesse curado, não?

Elle molestou-se. As medicinas tão boas eram ali como na cidade

o os tratadores do mesmo modo.

— Depois, minha senhora, todos nós temos de acabar.

O homem atirava para ironia. A sr.^a morgada corrigia a phrase que a sua dôr deixára explodir. Se o senhor veterinario soubesse a sua pena!... Fôra presente de uma sua amiga muito intima, ida para America, e que lh'o dêra para que o animalsinho não soffresse o enjôo do oceano. Recommendára-lh'o tanto! E elle era tão meigo! tão limpinho!

Iam-lhe os olhos para a colcha.

O alveitar consolava sério :

— A raça não está extincta; V. Ex.^a lá na cidade arranja qualquer outro com facilidade.

Quem sabe, se arranjará?!

E tirava o lenço de seda.

Mediram o cumprimento do «Lindo-amor», a palmo; fizeram-lhe um caixote com um bocadito a mais para cada lado; envolveram o corpo frio na capa amarella brazonada a escarlata; foram pelos brinquedos preferidos, os covilhetes seus, as chavenas, as roupas brancas do banho, (tal e coisas), collocaram tudo nos desvãos, para que fôsem com elle.

D. Angelica recolheu-se enquanto martellavam os pregos. Voltou para sobraçar o caixote e depol-o na cova que o Pigarro cavára ao canto do muro, sob a parreira do ferral, livre das calmas e dos passadiços. Deu ordem para que lhe arelvassem aquelle pedaço de chão e lhe dispozessem uma roseira branca ao centro.

— Quando a roseira florir, vossemecê mande-me as rosas, ouviu, Miguel?

O caso embora intramuros constou nos pormenores. O prior, para comsigo, amargurou do ceremonial; mas para que não se lingueirasse reeditou o dito no Belchior.

Durante tres dias o pesado portão da quinta ainda mostrou o bamente cerrado á longa theoria das mulheres acurvadas. Ao quarto, logo de manhã, fizeram as malas. Mandou comprar bilhetes para o comboio-correio da tarde, para compartimento reservado.

A commissão da chegada achou dever acompanhal-a na sahida.

Ella pediu que não se estorvassem.

— Não ha estorvos, senhora morgada, ha deveres.

Encolheram-se para os cantos da carruagem.

O povo da aldeia sahiu a caminho para se despedir.

Desbarretavam-se os homens respeitosa-mente, as mulheres acenavam lenços mimando tristezas.

No caes, o mestre-escola adeantou-se, mão no peito, tronco a reverenciar.

— Sabemos que a nobre senhora D. Angelica sahe d'esta sua terra pesarosa. Fica-lhe n'ella um animalsinho de grande estimação. Mas creia S. Ex.^a que a tristeza que d'aqui leva aqui deixa sua parcella espalhada pelos corações que sempre lhe quizeram bem.

Parecia que troçava, mas era sincero. Retribuia á fidalga as palavras que ella pronunciára á chegada, ainda que as occasiões fossem antgonicas.

Entrava o comboio nas linhas. Subiram para o logar marcado.

— Você, Miguel, não se esqueça! Ouviu? recommendava ella em voz molhada.

— Vá descançadinha, fidalga, vá descançadinha qu'eu mesmo lá l'as levo.

Silvava a locomotiva, o trem partia.

No caes, os cumprimentos tinham silencios recolhidos, solemnes, sua pontinha de pesar de apparencia sincera.

Perfilavam-se todos muito distinctos nas suas fatiotas pretas, pouco usadas.

D'ahi, um casal de noivos, em compartimento de segunda, teve arripio de amargura.

Eduardo Perez.

A Malta

É preciso, não ha duvida nenhuma, varrer para fóra do meio litterario a chusma de nullos que o deshonra e abater do pedestal das consagrações os cabotinos e os mediocres que lá chegaram, ajudados pelo thuribulo venal ou negligente da imprensa. E' preciso e é um dever; ainda mais, uma medida de sanidade moral que incumbe a todos os que teem sinceridade e intelligencia, consciencia e honestidade.

Esses nullos, esses cabotinos e esses mediocres, que teem por cima da cabeça a aureola refulgente da consagração falsificada, é que constituem a malta que é necessario expungir.

Malta que estadeia ruidosamente o nome d'um homem, de pasado brilhante, e que á testa d'ella faz o serviço d'uma taboleta á porta d'uma taberna, dizendo: *aqui ha talento!*

Ora isto attesta uma profunda, lamentavel e pavorosa decadencia no critico que tem paginas mordentes de ironia rispida e brados de colera desordenada e que hoje se mantem n'uma attitute beatifica e passiva de burguez satisfeito.

Significa mais uma depravação evidente no escriptor que, empunhando uma clava tremenda, vinha, em bellas rajadas de indignação, bater em vicios, maltratar absurdos, desancar preconceitos, deitar abaixo convenções com a audacia d'um guerreiro antigo e que hoje chafurda n'esses vicios, approva esses absurdos, queda-se diante d'esses precon-

ceitos com a indiferença d'uma alma estreita ou com a obrigação d'uma consciencia vendida!

*
* *

Mas vamos cá a saber quem é a malta, onde se alcantoa e como vive?

Apresenta-se-nos immediatamente o sr. Julio Dantas, com a sua tristeza, os seus processos, o seu vestuario, as suas peças, os seus versos, tudo isso dizendo cabotinismo, plagio, deshonestidade, immoralidade, fracasso!

Mas plagio, a que os seus apaniguados, em completa opposição com a opinião criteriosa e séria, chamam originalidade, immoralidade a que chamam moralidade, fracasso a que chamam triumpho.

Sem embargo, o sr. Julio Dantas com os seus triumphos proclamados e o seu credito estabelecido de consagrado, pertence evidentemente á malta.

E é a malta que o applaude, que o ergue, que o elogia, que o levanta, que o incensa, que o glorifica.

Vejam lá, se a hygiene não manda limpar isto, esta porcaria, esta hediondez, se a pureza da Arte não exige uma condemnação severa e se a Intelligencia, n'uma fulguração de colera, não a despede!

*
* *

O café é o logar onde se alcantoa esta litteratura de balcão.

Ali apparecem estes senhores, de quem vimos fallando, ali mostram as suas producções e ali mesmo são cathegorisados litteratos.

A chancellia do elogio mutuo surge a confirmar e logo a seguir é um facto a proclamação de talentoso a quem nunca possuiu talento, de illustre a quem é simplesmente um cretino, de litterato a quem é unicamente um mercieiro!

E começa a esguichar d'aquelles cerebros, como o enchurro esguicha d'um cano, a má proza, o mau verso, o mau livro, a má peça, toda uma obra despida de verdade, de ideal, de honestidade, de arte, onde não ha nem'uma scintilla de vida, nem um fulgor de esperanza, nem uma restea de sol!

*
* *

E logo se julgam no direito de criticar, de dizer mal, de retalhar, de deprimir, de lançar excommunhões.

D'aquella meza do *Suisso*, onde o sr. Julio Dantas é considerado um dramaturgo, o sr. Manuel Penteado um escriptor distincto e o sr. Camara Lima um homem de espirito, é que sahem, como do alto d'uma estadéla de juiz, as sentenças litterarias.

Como se vê, a malta assume um carater irritante d'uma auctoridade que não tem, d'uma competencia que não possui. E' um cumulo!

Pois bem, tudo isto são motivos a mais que nos constituem na obrigação de chicotear estes corpos e de varrer este lixo!

E' preciso, absolutamente preciso, que estes typos não fiquem ali; estão a obstruir a passagem e a empestar o ar; a affrontar a vida, a intelligencia e a emporcalhar a Arte, transformando-a n'uma mercearia ignobil onde o mercantilismo se exerce com principios avariados e sentimentos pervertidos!

Carlos Olavo.

O que é viver?

I

Viver é só sentir como a Morte caminha
e como a Vida a quer e como a Vida a chama...
Viver, minha princeza pobresinha,
é esta morte triste de quem ama...

Viver é ter ainda uma chymera erguida
ou um sonho febril a soluçar de rastos;
é beijar toda a dôr humana, toda a Vida,
como eu beijo a chorar os teus cabellos castos..

Viver é esperar a Morte docemente
beijando a luz, beijando os cardos e beijando
alguem, corpo ou fantasma, que nos venha amando...

E' sentir a nossa alma presa tristemente
ao mysterio da Vida que nos leva
perdidos pelo sol, perdidos pela treva...

II

Morrer é só deixar cahir os braços,
ser indiferente a tudo: á Vida e á Morte...
e olhar com olhos d'amargura, baços,
a Primavera, o Outomno, o Sul, o Norte...

Ter sêde e nem sequer ir procurar as fontes,
ter amor e fugir ao seu alento
e errar na paz suavissima dos montes
como n'um pôr de sol vago e nevoento...

Morrer é olhar toda a miseria ardida
e não poder chorar sobre uma rocha tosca
como chora quem vive: o mar, a lua fosca...

E' não ter olhos para a dôr da Vida,
nem esperança na Morte, nem saudade,
ser indiferente ao sol, á lua, á tempestade...

25. Março, 99.

Antonio Patricio.



A Arte

.....

QUAL o fim e a razão do obscuro mysterio da vida? Querem alguns espiritalistas que ella seja a queda de Deus. Uma parte do Ser Supremo perdeu-se pelo crime; e a materia vem da eternidade do peccado e caminha, n'uma lenta evolução, atravez do pavôr desolado dos tempos, para a eternidade da perfeição. Quando a dôr tiver purificado, no seu crisol ethereo, todas as torpezas do Universo, Deus, já sem macula que o perturbe na sua belleza harmonica e serena, reabsorverá a vida que não pôde existir mais, por ter chegado ao seu derradeiro destino.

Os pantheistas argumentam luminosamente que a vida é o mesmo Deus. Deus é a substancia e o amor, a bondade e a dôr, o crime e o perdão, a justiça e o peccado, a obscuridade e a luz — tudo o que vive, tudo o que padece, ama, chora, sente, vibra e se agita. Deus concebeu o mal para ser bom; pecca para ser justo. N'esta desharmonia apparente, está o equilibrio divino.

Tolstoï clama que a vida não tem fim determinado. Esta formula singular, reluzente de verdade ou obscurecida pela mentira, é, no entanto, bem humana e bem simples. Deante do inenarravel drama da morte que uma noite perpetua véla ás ancias hallucinadas do pensamento; dante do cadaver que se transforma gerando, com a sua podridão, novos seres, deixando brotar da sua gangrena vidas virginaes illuminadas d'uma poderosa scentelha e irradiantes de innocencia e de candura, nada pôde existir de absoluta certeza. A sciencia creada com tanto desespero atravez do clarão de inumeros soes é tão ephemera como a humanidade. Theorias, ideaes, aspirações, razão, é tudo falso. Ha coisas que nunca poderão ser reduzidas a syntheses comprehensíveis e claras: — o espaço, o tempo e a vida. Occulta-se n'esta formidavel trilogia o eterno segredo que escapa á imaginação mais lucida, porque está fóra do nosso cerebro.

Não ha liberdade. O homem foi para sempre condemnado, por uma força sobrenatural, e não se libertará da sua escravidão. A sua marcha, entre os seculos, para a luz, é um sonho irrealisavel. A egualdade apenas reside na morte, que invela todos os seres. O cadaver humano, seja elle o de Jesus Christo, Platão, Julio Cezar ou Marco Aurelio, onde se apagou a chamma que o illuminava e arrefeceu o sangue, é egual ao do miseravel que tombou esmolando, doido de fome, ao fim de asperos dias de soffrimento, sm que na sua alma, um dia, se fizesse uma vaga aurora espirital. E' a mesma porção de materia inerte, que vae rolar na alchimia do mysterio. A justiça da morte é implacavel, quando fere. Não ha castidade, belleza, genio, corrupção que a façam hesitar. Para alem condensa-se a sombra atterradora onde não arde um raio de luar.

Seria, no entanto, bem cruel que a vida miseravel não tivesse um fim e que o homem fosse atirado friamente á terra, por um Deus sem piedade que lhe deu a sagrada claridade do entendimento e uma fria sensibilidade para que mais podessa ser perturbada pela dôr.

Um dia, depois de ter deixado pedaços de carne pelas agudas pedras dos caminhos, é surprehendido pela morte, que lhe vem apagar, inesperadamente, todas as suas illusões suaves de redempção e de felicidade perfeita? A flôr lindamente espirital que trouxe vicejando dentro

do peito; a milagrosa estrella da formosura que lhe veio poisar na fronte, tudo desfallece para sempre! Só o soffrimento é immortal!

Não irá a substancia, a cada transformação, sublimando-se d'uma pureza necessaria para um fim desconhecido?

Para a humanidade chegar ao actual estado de consciencia, por que vastas purificações a materia terá passado, pelo mudo tempo fóra! Ha na poeira das estradas pedaços de cerebros que outr'ora pensaram, e foram altivos do seu poderoso pensamento; ha, nos mattagaes dos brejos desertos, retalhos de corações que antigamente sentiram, e foram orgulhosos do seu amor. Será a poeira que uma aragem viva levanta mais perfeita do que o homem; estará a arvore mais perto de Deus do que nós todos? Muitas vezes, pelos crepusculos calmos e lentos, quando a luz vae caindo religiosamente e todas as côres se apagam na dolorida agonia da tarde melancholica, a terra inteira estremece; e um hymno longinquo e terno que parece sair da propria alma das coisas, sóbe para os altos ceus crepitantes de estrellas em translucidos nimbos!... Errando n'esta immensa e poësa noite incertamente, no meio de amarguras, de venenosos odios, de perversões e de maldades, resta ao homem digno de viver pela ternura, pela piedade, e pela castidade da alma, uma coisa unica: — a bondade. N'esta simples palavra, resume-se, para toda a consciencia integra, a mesma essencia da vida. Não existe maior triumpho para os que vão galgando a montanha da existencia, de mãos crispadas e os olhos cegos do ardentissimo fogo das lagrimas. Do faminto ventre da natureza, sempre fecundo, surgem abysmos, escancarando a bocca negra; as tempestades rouquejam pragas e maldições e cospem blasphemias que são como raios flammejando em largos e sinistros listrões; e os escravos em vão clamam pelo repouso final, pela serenidade da morte. Mas ha creaturas mais fortes do que outras, pela sua comprehensão da natureza, que lhes dá uma candida tranquillidade: — são os que têm fé. O seu poder de crença é tão grande, que transformará n'um purissimo crýstal a nebulosidade interior de cada espirito. Cabe-lhes, portanto, serem boas; e quando os seus irmãos forem caindo exhaustos e desalentados em meio do escaldado monte do seu calvario, descirão até elles, adoçando-lhes, pela caridade e pela esperanza, a sua amargura cruel. A bondade, allumiando o mundo inteiro como uma enorme explosão de luz, seria a libertação suprêma. Em todos os corações desabrocharia, como um lirio celeste, a fé miraculosa que nasce do amor. Não haveria desigualdade no soffrimento e todos os seres caminhariam, unidos, n'esta victoriosa e esplendida madrugada, para o futuro. A' hora da morte, a alma dos justos não teria pavôres. Adormeceria cheia de suavidade, no ultimo somno, sem um estremecimento.

Eis a grande e dominadora belleza moral da arte: — Evangelisar pela palavra e pelo livro, prégar a bondade, espalhar a justiça, esclarecendo-a d'um esplendor prophético, fazer resurgir, luminosa e impecavel, a fé perdida, tornar possivel o renascimento, formar a humanidade d'amanhã na olympica nobreza do amor, que encerra toda a pureza, toda a candura, todo o bem e toda a felicidade. Fóra d'esta formula não ha arte, porque, fóra do amor, não se comprehende a existencia; e a arte duradoira e procreadora deve ser a mais alta expressão da vida.

João Grave.

Versos d'um morto a uma sombra

.....

Os versos da despedida
D'um morto á morte; e que agora
Tem os olhos n'uma aurora
Que vem das bandas da Vida.

I

De que côr são seus olhos? Não o sei;
Hão de ser lindos, porque são os d'Ella.
E a bocca como é? Ha de ser bella;
Não a medi porque inda a não beijei.

E' alta ou baixa? Nunca reparei:
Chega-me ao coração; como uma estrella
Tem o corpo que basta para eu vel-a
N'essas alturas onde a colloquei.

Como está alta, tendo-a tu no peito?
— Nem mais uma pergunta a seu respeito!
E onde é meu peito, respondi-me, aonde?

— Que costume cruel o d'esta gente!
Buscar apenas ver o que se sente
E perguntar o que se não responde!

II

Não procurem saber quem Ella é,
Porque nunca o direi; e, se algum dia
Encontrarem a minha poesia,
Hão de encontrar este mysterio ao pé!

Nunca o busquem saber; quem sabe até
Se eu tambem o não sei, ou se essa Via
Que para lhe fallar eu seguiria
A posso caminhar pelo meu pé?

Quem sabe quanto choro eu não que canto;
Quem sabe se é uma morta e se o meu pranto
E' que lhe mata a sêde n'um jazigo?

E quem sabe, quem sabe lá se, emfim,
Ella nunca existiu senão em mim
E tudo o que me diz sou eu que o digo!

III

Para a fazer como é, amal-a emfim,
Quanto a não procurei por toda a parte?
— Grandes pedaços que tirei da arte
E outros bocados que arranquei de mim.

Não sei ha quanto tempo a amo assim!
— Ponto esquecido d'onde a alma parte,
Amor espantoso, só para encontrar-te!
Mulher enorme, só p'ra te vêr fim!

Estatua incompleta, coisa morta e querida,
Eu amo n'Ella o que não tem de vida
E Ella nem sabe mesmo como existo !

Levo no mesmo amor a vida toda.
— Como dois noivos em constante boda
Até á morte, sem se terem visto.

IV

Ninguém sabia o nome que Ella tinha,
— D'essa que eu amo, como nunca amei.
Nunca o busquei saber... Se já o sei
E' porque o nome d'Ella se advinha !

Tinha um nome qualquer que eu já mudei,
— Ella é Ella, é o Amor, Ella é a minha,
E algumas vezes chamo-lhe rainha,
Porque Ella ás vezes julga que sou rei.

Não lhe sabia o nome e já a amava ;
Já então pelo peito me roçava
O que depois, mais tarde, profundou-me ;

Chamo-lhe Pranto, quando a vejo triste ;
O que eu lhe chamo quasi nunca existe
— E ás vezes chamo-lhe o meu proprio nome !

V

Longe d'Ella, bem longe, sem a olhar,
E' que eu a vejo como a quero vêr,
E fecho os olhos para a não perder
E estendo o sonho para me deitar.

Leitos de sonho fazem-me sonhar !
— Ondas d'enganos que me veem bater
— Olhos fechados cançam-se de a vêr
Mas, quando abertos, perdem-se a chorar.

Magoas, tristezas, nada d'isso eu vejo,
Que a Dôr não sóbe pelo meu Desejo !
— Olhos felizes, porque vos fechaes !

— Paisagem d'alma e quem a vê é mudo :
Desde as creanças que inda vêem tudo
Até aos mortos que já vêem mais !

VI

Tanta coisa e ella não ! Sêdas e flores,
Sorrisos de mulher, tanta creança !
Oíço bater as azas da esperança
E um sonho canta sobre as minhas dôres.

Tanta gente e ella não ! Tantos amores,
Tantas almas ao Sol, tanta bonança
De quem deseja apenas o que alcança
E não sonha, como eu, sonhos maiores.

Ai ! tanta gente que não é ninguém !
Só Ella, apenas, hoje é que não vem,
Ella que é tudo porque a quero assim ;

Ella que é o Amor a quem eu chamo,
Ella que é a melhor, porque eu a amo
— Ella que é minha e nunca olhou p'ra mim !

VII

- Ponham a alma onde a quizerem pôr :
No meu peito ou no teu — em qualquer peito ;
A alma dorme, basta achar um leito
Onde se encontre ao lado do amor.

Todo esse Som e todo esse rumor
Da vida, chega a nós quasi desfeito ;
— A alma dorme e o sonho satisfeito
Nem pensa em Deus, porque é muito maior !

Comtudo ha alguem que é tão pequeno ainda,
Que canta tão baixinho, e é Voz tão linda
Que a alma accorda e segue-o no seu trilho.

Não sei quem possa ter assim tal canto,
Mas talvez seja alguem que amemos tanto
Que até já pôde ser o nosso filho !

VIII

Foi-se o mysterio do amor buscado ;
Agora existes tu, amor, existes,
E comtudo os meus dias são tão tristes
Como se nunca te tivesse achado !

A mesma febre a arder ! Se o meu cuidado
Não pára em vós, porque é que vós me vistes,
O olhos castos, melodiosos, tristes,
Onde eu puz os meus olhos de cançado ?

Tristeza funda, magoa dolorida !
Se te encontrei emfim na minha Vida,
Se tu és minha emfim, o que é então

Que os meus olhos se cançam a buscar ?
— Grande é só tudo a que eu não sei chegar,
Ai d'uma estrella em que puzesse a mão !

IX

Se tu morresses antes de encontrar-te
Na minha Vida, como te encontrei,
Talvez que amasse mais a minha arte
Que, por causa de ti, já desprezei.

Mas talvez te buscasse em toda a parte,
E chorasse inda mais do que chorei ;
— E existisses ou não tinha de amar-te,
Quer tu vivas ou não, como te amei.

Mas vive, vive, sê bondosa e linda !
E' para o amor que a arte existe ainda
E é para a Vida que estes sonhos vão ;

Dos meus sonhos, és tu o mais perfeito
— Tu, que de tanto já te ter no peito
Já te posso chamar um coração.

X

- Eu ponho-me a pensar nos mais que vão
— Quando leio estes versos que te faço
— Por entre as almas sem nenhum abraço
E a Vida fóra sem uma illusão.

Porque é que eu não empurro o coração
 Para Elles tambem — com o meu braço ?
 — Almas que vão tão cegas pelo espaço
 Sem que ninguem lhes dê a sua mão !

E as minhas mãos, que é d'ellas ? Estão nas tuas !
 A Fome ronda pelas nossas ruas:
 Desgraçadinhos, vê, pelos portaes !

— O Amor é grande só, e é só perfeito
 Quando não chega a encher de todo o peito
 E deixa logar vago para os mais.

Nunes Claro.

A Exposição

II

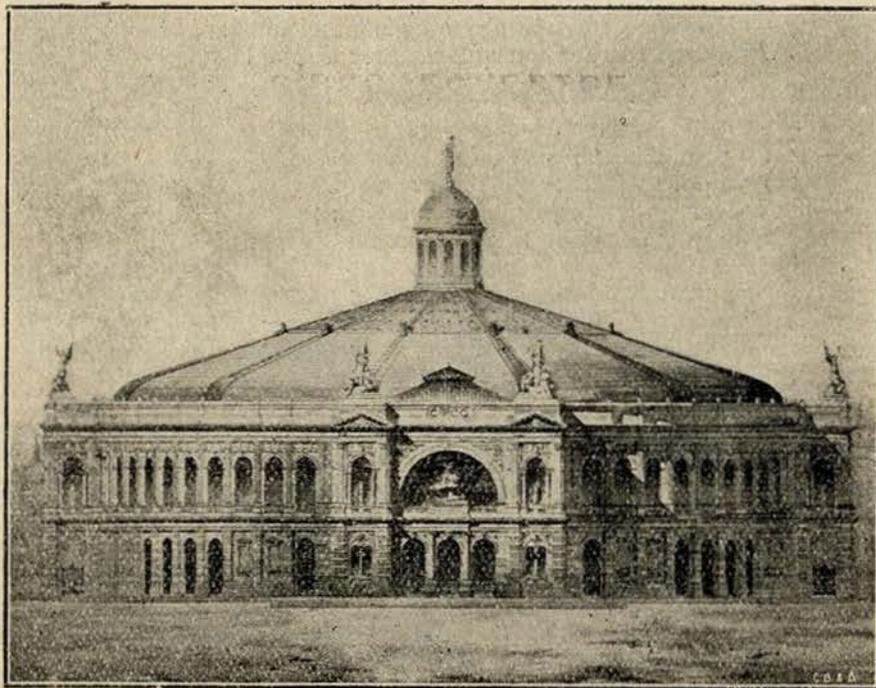
Os Quadros

Para a concepção d'uma obra d'arte, necessario se torna um meio, onde o artista, sentimentalmente impressionado, possa encontrar a suggestão: o inicio tosco da sua obra.

Como a intelligencia humana não procede por saltos, deduz-se sempre que, a não existir um germen de fecundidade, ficará eternamente parada, na visionação da mesma ideia.

O artista n'um meio infecundo, irá procurar a outra sociedade

A ARCHITECTURA



PROJECTO DE CIRCO

por Francisco Carlos Parente

alimento para o seu trabalho; e produzirá obra tecnicamente boa, mas fraca de valor emotivo. E então a arte é incaracterística, vasia; e o que é peor — não corresponde a necessidades da nossa vida affectiva. A obra passará despercebida, e só homens d'officio a poderão comprehender, ainda que extra-muros do sentimento.

As escolas, em pintura, foram uma necessidade do sentimento em face de novas sociedades; e não simples revolução na arte de pintar.

Na historia veremos esta verdade:— a arte correspondeu sempre á maneira de sentir do povo. Pela simples razão de ser esta uma das manifestações exteriores da sua alma.

O clacissismo, ao sopro vivificante das epopeas napoleonicas, traslada para o quadro a arte romana. E' frio, correcto, com magestade; mas sem alma.

Cae esta escola, quando a França, a braços com a lucta formidavel da defeza da Patria, chora os desastres soffridos. Pintura apaixonada a pingar desalento. Mas logo, ao encontro brutal da revolução, já sem motivo inspirador, cahe no romanticismo banal, substituido, breve, pela pintura realista que então correspondia ás exigencias da natureza humana a caminho do positivismo encyclopedico.

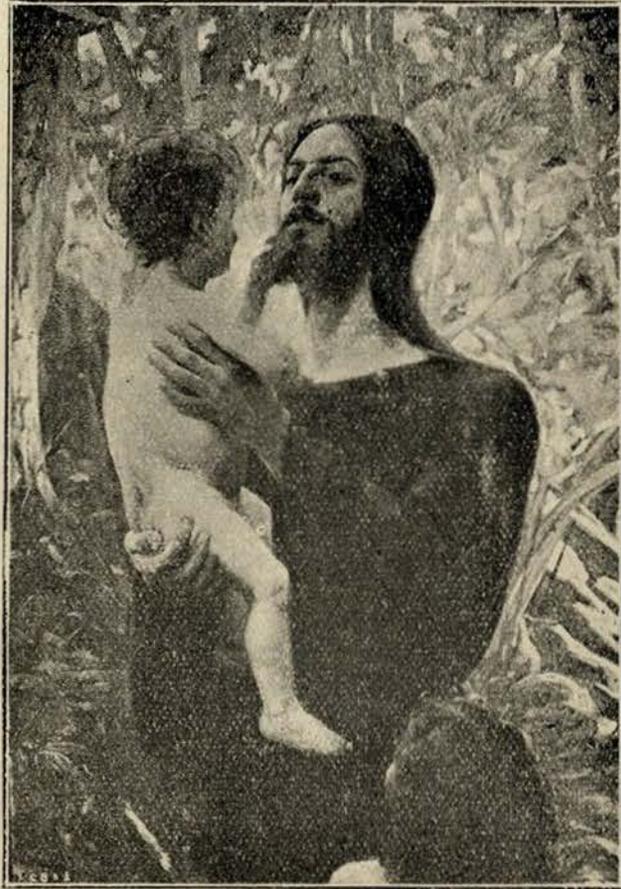
Na interpretação mais directa da natureza, no meio asphixiante de Paris, ao galopar feroz da vida moderna, nasce o impressionismo alcunhado de pintura para myopes.

A vida corre desilludida. Acabada a fé — ídolos por terra — o homem, na confusão estranha das philosophias modernas, defronta com o mysterio do além; sente a alma refrigerar-se na ingenuidade primitiva, ao contacto da unccção dos primeiros artistas mediévos.

Assim vêm os Puvis de Chavannes e os Burne Jones, que são anachronismos em pintura.

E' assim que o artista parece um espelho fiel do seu tempo. Os Rubens e os Miguel Angelo definem epocas.

A PINTURA



O AMIGO DAS CRIANÇAS

por **Sobral Fernandes**

Ora, quando nós olhamos o nosso momento historico, só vemos infamia, banzarrota, decadencia!...

O artista que bem comprehende, refugia-se no campo e traz-nos para a meia claridade dos museus as rutilações dos soes das provincias. Temos os Malhõas.

Malhõa (José) *Cebolas*. — E' um quadro admiravel como concepção e como execução.

Uma mulher batida do sol entrança cebolas. As plantas dos pés, com incrustações terrosas, saem da tela n'uma verdade flagrante.

Uma desgraça. — Um curioso effeito de luz. Não sei porquê, mas n'aquelle vulto de mulher arqueada, de mãos em concha, não lhe vae bem, na bocca, uma expressão de dôr. Talvez magiação minha.

Malhõa apresenta ainda um estudo da lavadeira, que é melhor que o quadro.

Um outro Malhõa. Pinto (Manuel Henrique) *Chegando da feira e Sahida do rebanho*.

Pela maneira como são tocados, fortes; mas fracos de concepção. Entretanto são bocados de tela admiraveis.

Para estes bem vae a vida, — na historiação dos dramas intimos do bom povo portuguez; mas para os outros, o motivo não apparece no nosso meio, aonde não ha as luctas titanicas dos fabricas, as industrias laboriosas, a fornecel-o. D'ahi a procura na historia, na litteratura; longe ainda dos motivos de intellectualidade pura, propria d'uma philosophia adiantada.

A difficuldade de realisação torna-se notavel. A interpretação dos personagens, a fazer figuras; a psychologia da epoca; e o estudo profunctorio dos costumes; — são cousas que levam o artista a fallir n'uma obra d'esta natureza.

Aquelle quadro historico — *A peste expulsa os castelhanos do cerco de Lisboa* — é um exemplo.

Como côr é secco e duro. A composição é boa.

As cabeças de hespanhoes que olham o espectador não estão no seu plano, avançam endiabradamente e os personagens pintados são tudo menos hespanhoes.

E' preciso que os personagens tenham caracteristicos tão fortes d'epoca e de raça que a memoria não necessite intervir na sua comprehensão.

Porque então é uma charada e não um quadro. Se só com o catalogo eu souber que são hespanhoes, então...

Gouvêa (Alberto R. Ayres de) apresenta, entre outros, — *A palavra do Mestre e o Christo morto*.

Este novo merece especial attenção pela estreia.

Filiado, ao que parece, na escola de Paul Laurens, é já um independente, fazendo *seu*, e sentindo por si.

Qualquer das duas obras apresentadas estão tocadas d'um sentimentalismo tal que para logo as colloca entre as coias queridas da nossa alma.

O Christo morto é mais intenso de emoção, e a não ser aquella Nossa Senhora, já tão vista, de manteo azul e aquelle vulto á esquerda, a scena, tornada mais simples, resultaria mais tragica.

A *Palavra do Mestre* tem sentimento e composição. A luz é um tanto crua.

Alvaro de Castro.

Carta de alforria

.....

...a scena, cem vezes peor que a morte,
da minha exauctoração...

(ALFRED DREYFUS — *Cinq ans de ma vie*)

Ao chegar a este ponto, na leitura do livro do condemnado, parei. Por muitas vezes, no decurso d'essa extraordinaria e reivindicadora campanha que eu, durante annos, acompanhei com os olhos d'alma, a singular veneração d'essa victima da classe militar á classe que a victimara, me impressionara e compungira, e, ainda mais, me revoltara.

Revolta? Sim. N'esses dias tragicos em que o Direito e a Justiça estremeciam quando as paixões cegas d'essa escumalha das ruas que uma velha amiga do povo, a intrepida Sévérine, intitula *la foule* para não ultrajar esta grande entidade: *le peuple*, iam embater contra o peito de Zola, ou contra a alma de Picquart, — era a lembrança d'essa cega illusão do condemnado de Cayenna o que mais me sublevava o coração. Com effeito, nada mais, — como direi? mais irritante para a razão, para o sentimento, para a equidade natural d'um espirito do que vêr essa grande figura de sacrificado, banhada na forte luz moral do seu sacrificio, escudando, com o seu proprio peito dilacerado, o carrasco infame que o apunhalava pelas costas! Nada mais exacerbador de coieras e inspirador de lagrimas, — do que vêr esse soldado a chegar ao peito, como se encosta ao coração uma bandeira, na hora embriagadora da lucta, os farrapos d'uma farda que, como a tunica de Nessus, só representava o seu injustificavel supplicio e a sua immerecida deshonra! Nada mais angustioso, d'essa angustia que se resolve em phrenesi e desespero, sagrados e nervosos impetos da Razão contra o Absurdo, da Consciencia contra a Iniquidade, do que ver o Martyr levantar-se penosamente do solo das suas agonias, e por um ultimo esforço de toda a sua energia, — revoltar-se? não, perfilar-se! — e levando a mão á altura da sua cabeça rapada de presidiario, como se procurasse um imaginario kepi, fazer a continencia aos bandidos, aos assassinos, aos cobardes, de galões nos braços, plumas nos chapéus, e lama nas almas, que pelas costas, á traição, lh'o tinham arrancado da frente!

*
* *

Era uma dor de alma, mas comprehendia-se a attitudo do capitão Dreyfus. Envolvido n'uma mysteriosa rede, onde os mais insuspeitados interesses se emaranhavam n'uma teia de infamias, o condemnado de 1894 sabia que estava innocente, — e mais nada. Victima expiatoria

dos crimes dos outros, que se arvoraram em seus juizes, o desgraçado sentia-se ferido, mas, á maneira d'um homem surprehendido durante o somno, não podia adivinhar quem o ferira. De resto, a verdade era tão monstruosa, que elle nem a podia suspeitar e muito menos admittil-a,—tão monstruosa que, mesmo agora, quando já a luz se fez a jorros, ainda uma infinita multidão de homens recusa curvar-se á evidencia dos factos: dos documentos, das provas, das confissões. Não admira pois que elle se recusasse a abrangel-a, mesmo quando, ao ver-se abandonado por aquelles em quem mantinha uma esperanza illusoria, o pensamento da indignidade dos seus chefes lhe assaltou, como um novo pavor, á imaginação cançada de formidaveis visões. Pois quê! Seriam uns traidores, uns falsificadores, uns cobardes, uns carrascos—esses altos commandantes, esses generaes, esses ministros, esse proprio chefe do Estado, todos esses homens que eram para elle mais do que homens, visto que lhes attribuirá a todos o valor d'um symbolo, onde encarnara as virtudes do mais puro patriotismo e as qualidades da mais immaculada honra! Espirito que crescera, como um arbusto enjaulado, entre as estreitas paredes da disciplina,—esse authomato fardado e equipado que só accordara como cidadão quando o maior dos soffrimentos lhe rasgara o peito tinha, logicamente, o direito de duvidar sempre da podridão do seu idolo.

Por isso ninguem se admirou, apesar de todas as revoltas que se desencadejavam no intimo dos seus fervorosos defensores, que esse homem que já mal sabia fallar e cujos cabellos tinham embranquecido, se conservasse até ao seu desembarque em Rennes, na attitude d'um cadaver que tivesse sido fulminado na forma, e mantivesse ainda a sua posição da ordenança,—como esse soldado romano que, quando se abateu sobre Pompeia toda a lava do Vesuvio, se deixou ficar no seu posto, junto da porta de Herculanium, de lança em punho e uma mão na bocca, sem que os cataclysmos da natureza tivessem podido vencer no seu espirito ás noções barbaras da esteril disciplina das casernas...

*
* * *

Mas depois?

Depois,—quando a palavra de *Labori* rasgou, como quem rasga de alto abaixo as cortinas d'um sacrario, o veo das suas illusões, n'esse pequeno quarto da prisão de Rennes, onde se passaram trinta dias de agonia, equal á que supportou em algumas horas o sonhador do Jardim das Oliveiras, e onde até não faltou uma figura de Magdalena, ainda mais dolorosa do que a de Jerusalem, porque, alem de amar aquelle martyr, era mãe de seus filhos... Depois,—quando n'uma sala de tribunal, onde toda a Europa e toda a America tinham fitos os olhos, elle vio os seus chefes, os seus generaes, os seus deuses, mentirem, na sua face, para o perderem, sabendo-o sagradamente innocente; mentirem, como demonios e como lacaios, ostentando a sua infamia com um cynismo que envergonharia Cartouche e deshonoraria Mandrin... Depois,—quando elle, que era na realidade o juiz de todos os que o julgavam, se vio condemnado pela segunda vez, como reu, estando os criminosos descobertos, e encontrando-os ali a dois passos, ao alcance da primeira mão justiceira que os agarrasse pelas suas golas douradas e lhes chumbasse

aos pés a grilheta dos farçados... Depois, — quando para maior desvairamento, para maior subversão de tudo quanto seja logica, sentimento e equidade, elle se viu *perdoado*... Sim, depois, — como admittir que este homem, ainda na mais simples phrase, rubricada com o seu nome, podesse manifestar o mais leve respeito pela instituição infame e barbara que permite taes monstruosidades e alimenta taes monstros!

*
* *

Caso singular! Este homem que reflecte assim, este militar com numeros da ordem nas unhas dos pés e nas pontas dos cabellos, — tornara-se, por um inesperado conjuncto de circumstancias, o symbolo do protesto humano contra a classe a que elle pertencia. Invocando o seu nome, como se agita uma bandeira, milhares, milhões de rebellados contra a organização social, e especialmente contra o Moloch militarista, subiram ao assalto dos velhos preconceitos, das velhas formulas e dos velhos dogmas, com um grito de liberdade nas labios e um clarão de justiça nos olhos. Almas cheias d'um amor tão grande que d'elle se extrahi a mais formidavel indignação ergueram essa pallida figura de martyr, como se fôra um Christo, tão alto que atravez de fronteiras e mares toda a Piedade humana o podesse contemplar na cruz do seu martyrio. E emquanto este grande espectaculo allucinava de paixão todo o mundo do sentimento, um phenomeno sem igual se desvendava ao olhar dos observadores d'este drama.

Porque, dia a dia, em cada documento, em cada factio, se demonstrava um antagonista flagrante entre o homem cujo nome soava como um brado de morte para o crapuloso militarismo e a idéa que elle representava, — *malgré soi*. A campanha que tomava como seu lemma de ataque este nome: *Dreyfus*, tinha entre os inimigos dos seus principios este homem: *Dreyfus*. Illudido ou não, este condemnado do militarismo era um militarista. Situação unica! Emquanto, para chegarem ao calvario d'esse condemnado, legiões militantes de pensadores calcavam preconceitos na sua marcha libertadora, o cruxificado gritava, no seu coração, contra o esmagamento dos seus algozes. E caso ainda mais singular: esse protesto da victima, nobremente e sinceramente illudida, tornava-a ainda mais amada dos seus desinteressados e intrepidos defensores, e ainda mais lhes estimulava o protesto e o odio contra o estúpido e feroz principio que perverte e desvaira aquelles que lhe são entregues a ponto d'elles se tornarem os algozes de si proprios...

*
* *

Mas se a illusão é sagrada, a cegueira voluntaria já o não é. E é cegueira, porque se não pôde admittir que seja hypocrisia, vir beijar, depois de a sentirmos e a vermos, a mão que iniquamente nos feriu. E é isso o que faz Alfredo *Dreyfus*, repetindo ainda, visto que as não regeita nem n'uma nota, as palavras dilacerantes com que geme a sua dôr, ao recordar a scena bestial da exauctoração que lhe foi infligida. Comprehende-se que o bruto legionario de Roma, vergado ao peso das armas pretorianas, não arredasse pé de junto da porta de Herculanium, quando a morte esteril se despenhava em ondas de lava e cinza das alturas do Vesuvio. Como um cavallo de carroça, que com os olhos entaipados só pôde vêr a linha monotona do seu caminho, em frente, a ignorancia e a

caserna fazem do soldado um authomato, sem pensamento, sem liberdade e sem alma.

Mas com Alfredo Dreyfus não succede o mesmo. Elle é um espirito, — uma intelligencia e uma alma. O seu martyrio teve para elle um beneficio, — tornou-o um cidadão. Era um militar, e hoje é um homem. Todas as suas illusões foram desfeitas a machadadas de infortunios e a golpes de verdades. Sabe tudo, — *tudo*, como nós, melhor do que nós. Não, elle não pôde ser já o mesmo authomato que foi; elle não pôde ser já um cúmplice consciente d'essa extranha aggremação de homens que, na phrase energica de Tolstoi, gastam a vida n'uma lenta e fria preparação de assassinatos, e que, para o criterio de Spencer, representa aquelle principio odioso que sobretudo a humanidade tem de combater para a conquista da sua felicidade. Não! Elle, que já não é um militar, não pôde continuar a ser um militarista.

*
* *

A que vem pois essa dôr, essa angustia, essa humilhação, *peor do que todas as mortes*, ao recordar a scena da Escola Militar? Dia de humilhação, dia de deshonra, dia de lucto, — porquê? Por ser expulso da classe militarista? Não! Dia de gloria, dia de honra, dia de vida! Ou antes, dia de resurreição! Porque é uma resurreição, uma bella e redemptora resurreição, essa sahida, sem manchas na consciencia e sem sangue nas mãos, da classe dos Henry, dos Paty du Clam, dos Esterhazy e dos Boisdeffre, gremios de carniceiros e falsificadores, de *escrocs* e de carrascos. Esse kepi, devia-lh'o elle ter lançado á face; esses galões devia-os elle ter calcado aos pés, — com o prazer, o alvoroço, a ancia com que um captivo se evade ou um escravo se liberta!

Mayer Garção.

A METARRYTHMISIS

Ha no grego alexandrino e no moderno uma formosa palavra: *metarrythmisis*, que significa «troca de rythmo» ou seja transmutação de intima estructura. Acha-se empregada no sentido de *reforma* ou *transformação*, mais ou menos intima, mas, na força da sua essencia, designa uma transformação, a mais intima que n'um ser cabe porque é a do seu rythmo, o aspecto da sua mais profunda structure.

A FFASTAE-VOS um pouco de todos esses humoristas e articulistas *vibrantes*, e a certa distancia os seus echos apagadissimos parecerão apenas monotonas queixas abafadas por um rufo de tambor. Quem não viver submerso no charco não houve mais do que um selvagem tum-tum. Todos esses litteratos se exprimem sem rythmo vivo. São escravos do compasso tamborilescos. Ou para fallar claramente: sob os seus requintes engenhosos percebe-se sempre o monotono *tum-tum* das «venerandas tradições dos nossos maiores». São escravos.

A revelação mais intima d'essa juventude satyrica é a *ideophobia*,

—o horror ás idéas. —E d'isso não tem ella a culpa: um *sabio* é para nós tudo quanto ha de mais ridiculo, porque parece synonymo l. mas-sador.

Como é triste vêr essa juventude respeitosa, adulatora dos homens velhos e das velhas formulas, de todo o mundo velho, envaidecendo-se do sol que lhe vae resequindo os miolos. O sol! E' elle que, onde não ha aguas correntes, mata toda a vida; e que, onde as aguas param. as envenena.

Não ha nada mais triste do que dar uma volta pelo Sahara de Madrid, onde a centralisação politica recolhe a maior parte dos rapazes que anciosamente a procuram. Ha juventude carlista, conservadora, orthodoxa, heterodoxa, fusionista, republicana de varias côres e feitios, meramente litteraria, quer dizer: meramente comica, artistica, scientifica, erudita... enfim, toda a especie de juventudes, e nenhuma joven. Crescem n'ella, a par, como derivados concomitantes e parallelos do paludismo espirital, a ideophobia e a verborrea: o horror ás idéas, a diarrhea das palavras.

E o que sobretudo cresce como a espuma é a alluvião dos semanarios humoristicos, entre os quaes, apesar de ser um repositorio de tudo quanto ha mais velho e banal, apresentado por espiritos envelhecidos, não deixa de haver um que se chama *Novo Mundo!*

*
* *

Dizem que esta monarchia constitucional hespanhola é um dos paizes mais livres do mundo. Sim, enquanto houve terra livre, terra onde pode viver anarchicamente o homem, era este escravizado, porque isso se tornava mais facil do que vedar, com muros ou palissadas, a extensão dos campos. Mas logo que se tomou posse da terra, logo que se assegurou o poder do deus Terminus, zeloso patrono do direito de abusar, disputaram os sentimentos humanitarios e a campanha abolicionista acabou por quebrar as cadeias do escravo. Já é livre, já pôde ir para onde muito bem lhe pareça; mas, para onde quer que vá, caso não tome a resolução de se atirar ao mar, de cabeça para baixo, o solo será sempre d'outro e terá que submeter-se ao jugo se quizer subsistir. Escravizada a terra, liberta-se o homem. Está já possuido o campo: abaixo as cadeias do escravo!

O facto historico, que acabo de expôr, revela-se aqui no campo espirital. Proclamou-se a nossa liberdade de emissão de pensamento, depois de embargada toda a terra espirital d'este povo; podemos exprimir livremente as nossas idéas, mas clamando no deserto, n'uma linguagem inintelligivel, a voz da Verdade. Uma vez inoculada com a febre palustre a ideophobia, — fóra com o freio ao pensamento e viva a liberdade! Viva a liberdade de expressão! — quer dizer: Viva a diarrhea palavrosa!

Parece natural que os rapazes luctem por idéas jovens, ainda não escravizadas pela rotina. E' isso o que parece natural, repetimos; mas aqui os rapazes ou não luctam, e d'estes se forma a maior parte, ou fingem que luctam, para ganharem os seus proventos, ou luctam por causas mortas, ou tratam de submeter aos moldes da rotina tudo quanto apparecer de novo e original

Não ha muito que alguém me fallava com tristeza das boas intenções das apostasias da mocidade, citando-me casos de rapazes que claudicaram com a mira n'um emprego, n'um diploma de deputado ou uma

posição social. Procurei inteirar-me do facto, e reconheci que não havia tal apostasia; os chamados apostatas não tinham vendido ideaes porque nunca os tiverem. Nem as phrases são idéas, nem a *eloquencia diarrheica* é sentimento; não é humorista um prestidigitador de jogos de palavras, assim como não é apóstolo um orador de *meetings*.

Ha tambem n'esta juventude os bohemios, que representam o *detriectus* do romantismo de grande cabelleira, os bebedos que cultivam o archaico convencionalismo de tropejar contra os convencionalismos, sendo elles proprios convencionaes até á medula dos ossos.

E ha tambem, seja dito em honra da verdade, a obscura legião dos rapazes modestos e graves, de solidos conhecimentos, de habitos de dedicada investigação livresca, a pequena legião trabalhadora dos ratos de bibliotheca, ou de revistas que cumpulsam com toda a consciencia a certidão de baptismo d'algum esquecido engenho dos nossos passados seculos, de algum luzeiro apagado da sciencia hespanhola, ou o ultimo trabalho auctorizado que venha de fóra. Oh! jovens heroicos, de longas vistas, formigas da cultura hespanhola! São elles que cumprem a tarefa de adoptar ao pantano as correntes novas e frescas, quer dizer, que realisam o trabalho de as estancar. Nobres forjadores da rotina de amanhã!

Para os outros representantes da nossa juventude, não tem existencia senão aquillo que de qualquer maneira se possa reputar official; não ha outras idéas sociaes que não sejam as explanadas no Congresso, nos *meetings*, ou nos periodicos, nem obras litterarias que não tenham sido registadas nas suas alfandegas criticas. Levam o tempo em fallaciari do ultimo aborto senil de qualquer dos nossos velhos monumentos em litteratura, arte ou sciencia, ou em discutir qual a nova rã que póde já entrar na Real Academia, — horror insigne!

São livres; nada se opporia á livre irradiação das suas idéas, se as tivessem conquistado; são livres, mas sem terra espiritual, virgem e fecunda. Trabalham a jornal, sob as vistas do capataz, e nunca se revoltam a não ser para pedir augmento de salario. E que apego teem ao torrão a que vivem adstrictos! Nunca lhes occorre emigrar para novas terras espirituaes, para florestas virgens, apesar da sua maior extensão. Tudo farão menos renunciar á caduca tradição, que foi de seus bisavós, e que hoje é dos patrões que lhes exploram o espirito. O que vae para campos livres, o que foge d'essa situação deprimente, é tido como um foragido, como um vagabundo, como um miseravel ou como um doido.

Em presença d'esta sociedade chrystalisada não basta mudar de posição por meio d'uma revolução, nem de forma, por meio d'uma reforma: falta uma metarrhythmisis que destrua a sua structura physyca intima. Pobre juventude intellectual hespanhola! Precisa ser metarrhythmisada. Resta toda a outra juventude, fresca e virgem, como base de continuação physiologica do povo. Uma e outra juventude formam os elementos simples da nossa constituição interna futura; depende d'um supremo abalo que, ligando-se d'um modo differente d'aquelle porque na actualidade se relacionam, brote da nossa sociedade uma outra, isometrica com ella, mas inteiramente nova.

Miguel de Unamuno.



Soneto

.....

Vê-se tão pouco, toda a Vida olhando,
Que a muitos por demais parece a Vida...
Que de sorrisos d'alma distrahida
Assim se vão em lagrymas levando.

Olhe-se, tanto amôr atravessando,
A desgraça, que leva confundida
A verdade que a gente de fugida
Olha... e se affasta porque a vê chorando !

Não permite a vaidade que transponham
As lagrymas os olhos ! Envergonham
Perante a gente o homem que as chorar !

— Como se o coração fosse mentira,
Como se nos mentisse quem suspira
Se está para morrer ou para amar !

Coimbra.

João de Deus Ramos.



Os Livros

.....

A CIDADE E AS SERRAS por Eça de Queiroz — Livraria
Chardron, de Lello & Irmão —
Porto, 1901

Eu já notei em tempo, fallando d'esse livro medianamente infeliz — *A illustre casa de Ramires*, — a profunda nostalgia da patria que encheu o espirito do auctor, quando a vida por pouco estava a desprender-se d'elle.

A verdade é que Eça foi primitivamente educado no meio academico coimbrão que tem sobre todos os outros a viciosa qualidade de vêr de alto tudo e todos, n'uma superioridade pedante que nada lhe confere, nem a sua sciencia atrazada por seculos, nem o sopro civilizador que, em lucro manifesto para o seu poetico encanto, o não tocou demais.

Alli, mais que nas outras cidades onde têmos escolas superiores, é evidente essa má vontade, esse *parti pris* que põe, sem documentos mais, n'um plano subalterno todo aquelle que não possua ou não trate de possuir a formatura, embora as suas obras o colloquem mil vezes mais alto que qualquer diplomado vulgar. Não se julgue que fallo com rancor, porque da minha imparcialidade dá garantia o facto de ir levando, como Deus é louvado, um curso de medicina, victima d'esse micro-

bio que prodigiosamente se vae disseminando e faz da nossa terra um mundo de doutores.

O caso é que Eça de Queiroz, não resistindo — como de resto nunca soube resistir — á acção do meio, começou a olhar com desprezo, ou antes com o desdem benevolo dos homens superiores ou que se julgam sê-lo, para esse povo ignorante e parlapatão, mas no fundo docemente amovavel e singelamente bom, que é o nosso povo.

Mais tarde o destino levou-o, após breve estada em Portugal, para terras distantes onde a nossa lingua se não falla e os costumes são bem diversos dos nossos.

Começou a ferir a epiderme da sociedade portugueza nos volumes das *Farpas*, e analysou mais fundo no *Crime do Padre Amaro* a vida devota d'uma terra de provincia. A sua estada cá não deu para mais, e depois, em constante convivio com outros meios, para a analyse dos quaes o seu espirito observador o levava irresistivelmente, começou a escrever de Portugal com todos os erros e indecisões que tem quem de longe vê uma coisa que apenas n'um ou outro aspecto lhe é familiar. A seguir a uns annos de Coimbra e a uma passageira residencia n'um soalheiro mesquinho de provincia, depois d'essas duas influencias diversas de todo, mas convergentes afinal, as cidades da Europa, abarrotadas de civilisação, ajudaram-no a vêr com cruel e cynico desdem esta pobre gente portugueza que lhe não fizera mal nenhum.

Portugal começa a ser para elle uma grosseira *pastiche* do francez, uma terra onde os maridos ultrajados fazem rir, as adúlteras usam meias de tear, o espirito não passa da inferioridade ridicula de Calino, e onde de bom apenas ha um ou outro que de fóra vem a dar-nos o figurino do bom tom espirituoso e *esguio*, com o brilho dos seus collarinhos magestosos, o delicioso traje das suas polainas, elegante por dentro e por fóra, dos pés á cabeça, á Soveral.

Mas o tempo passou; d'aquella multidão de gravatas que o fino ironista nem uma sequer talvez exista já, e o fatalismo de uma herança morbida chegou, a avisar que era tempo de partir; em meio das arvores de Neuilly que o separavam de toda aquella vida em que se fôra gastando, talvez se lembrasse de quanto de fátuo e de mau havia em tudo aquillo, talvez se lembrasse do artificial e do ficticio d'aquella sociedade que o tivera preso e, por uma d'essas inspirações que vêm de dentro, do fundo d'alma quando a deixam fallar, havia de lembrar-lhe esta luminosa e linda terra de Portugal, de céu azul, debruçada toda no mar, a sonhar n'um passado grande de aventura e no seu fado que o levará n'uma má sina — quem sabe? — a um futuro incerto de desgraça.

E' esse estado de espirito que se nota por uma fôrma inconfundível no livro *A illustre casa de Ramires* sem comtudo o ter inspirado; illumina-o apenas d'um luar vago de saudade, como sempre triste; faz apenas dizerem alguma coisa aquellas paginas feitas a marchas forçadas, sem uma razão de ser que as justifique, sem um fim alto a que queiram subir. A ironia enkista-se, sae fria, o estylo pesa, a inspiração deita a fugir. Por isso aquelle livro é — sabem o termo? — perfeitamente desolador.

Mas esse sentimento depois, quando se faz a razão do ser d'uma obra d'arte, quando dicta, uma a uma, as suas paginas, tem o condão talvez inesperado de fazer reviver em Eça o fino ironista de outros tempos, restituindo-lhe um pouco d'essa mocidade que pareceria a muitos se sumira n'aquella complicada historia dos Tructesindos, avós de

Dom Ramires. E ainda devera dar ao romancista a alegria de encontrar enfim uma these, elle que infructiferamente andara em busca d'ella a vida inteira. Por isso *A cidade e as Serras*, se não é, por certo, o livro que mais custou ao seu grande talento, é de todos o mais nosso e o que mais encanta, o unico que, roçando apenas a miseria humana, se eleva alto, n'um vôo de optimismo e crenças, e cuja leitura, para mais com o brilho d'um estylo adoravel, tonifica, faz bem. Foi-se-lhe aquelle gelado cynismo antigo e appareceu o vago anarchista que confessava ser quando traçou em rendilhadas linhas o perfil da rainha de Portugal.

A these do romance é, em todo o seu encanto simples e a sua alegre verdade, isto: o excesso de civilisação é uma das causas da tristeza humana e faz a desgraça d'aquelles a quem a fortuna parecia dar a posse da ventura; aproveitemos d'elle apenas o que mais directamente interessa ao nosso bem estar e assim, affastados da cidade que é «uma illusão perversa» construamos, na alegria honesta e simples d'um lar, fazendo bem, o «Castello da Gran Ventura».

Isto é o livro — um bello livro — e, pois que as linhas geraes dispensam a minucia de analyse que exige á critica qualquer das outras obras do phantasista cheio de côr do *Mandarim*, deixo de dizer, uma por uma, as qualidades multiplas que formam no conjuncto um obra superior, — a ironia inegalavel, a perfeição das figuras, para não fallar já d'um processo que é sabido ser perfeito, nem d'um estylo que até agora foi o unico inabalavel sustentaculo de grandeza quasi intangivel do seu nome.

E' sempre de lamentar a morte, tanto mais quando ella fere um homem de talento como Eça, mas não é de modo algum o apparecimento d'este livro razão bastante para o chorarmos pela perda de muitas obras taes, porque a verdade é que, — não tenhamos n'isso illusões — de posse da relativa saude que o sustentava na sua vida mundana, Eça nunca seria capaz de o escrever.

Paulo Osorio.

*
* *

A BARONEZA DE STAËL E O DUQUE DE PALMELLA

por Claudia de Campos.—Livraria Editora de Tavares Cardoso. — Lisboa, 1901.

Já pelas condições do sexo, em geral affectivo, sentimental, já pela hereditieridade, — um infinito de gerações apartadas da lucta social, não é vulgar encontrar-se uma mulher que raciocine bem, que applique mesmo mais o raciocinio do que o coração aos factos da vida. Tem-se até por dizer, dos poetas lyricos, aquelles que sangram do coração, o resultado das suas impressões a que seus olhos — os olhos d'elles diversos dos nossos: olhos sonhadores, olhos extacticos! — deviam talvez estar affeitos pelas continuas injustiças sociaes, n'um desconcerto de viver e não estão, que esses poetas representam mais a femilidade do que o poder do homem. Este poder é, por essa razão, o raciocinio, o elevado criterio, o estudo, a poderosa reflexão que alcança longe.

Quando uma mulher sae reflectida, investigadora, indagando o porquê das cousas, voando do effeito á causa, prescrutando-a, dissecando-a com paciencia e proficiencia, sae, por isso mesmo da regra.

Depois, a propria vestidura feminina tão differente da que o ho-

mem usa, — isto ha tantos annos! — dado mesmo que ella apresente um character viril, parece-me, não sei porque, que tende a influenciar no seu estylo, do mesmo modo que o periodo das longas cabelleiras, dos calções de sêda, das lindas casacas bordadas, deu á Arte d'aquelle tempo um cunho especial de gentileza, de amaneiramento que hoje não pôde ter, em contraposição com o nosso trajar d'agora, mais sobrio, mais sério.

O povo diz: *o estylo é o homem*, e de facto é assim; ora pela mesma theoria o estylo da mulher deve ser como ella é, todo cheio de curvas, muito gracioso, docemente lindo, e d'ahi o motivo da fragilidade lyrica dos poetas lyricos ser-lhes de natural attribuída a uma contraposição de temperamentos.

E o mais bonito é que eu penso n'este ponto como o povo pensa.

Por isso é raro em todas as raças encontrar uma mulher que pense e raciocine, investigue e procure, n'uma labuta arida, onde está a causa dos varios effeitos que os olhos vêem, como tambem são raros os grandes lyricos, os verdadeiros poetas sentimentaes. Que ser sentimental, a valer, não é apenas ser impressionista, não é; é desviar para o sentimento a impressão como outros a desviam para o cerebro. O impressionismo que se topa a cada passo como traço primordial dos temperamentos lusitanos é apenas a primeira *étape* d'um longo caminho bifurcado para o coração e para o raciocinio, sendo um ou outro, embora ambos actuem nas creaturas bem formadas, a sua característica predominante. O impressionismo depende, afinal, dos olhos, sómente, é o peristylo do grandioso templo da psychologia humana no limiar do qual uns ficam sem forças para entrar em direitura á razão ou ao sentimento.

Este é a meu vêr o motivo porque o poeta lyrico escrevendo em prosa hade ser sempre um poeta, e o philosopho, (o homem da sciencia,) difficilmente alcança uma fôrma brilhante. O novo livro de Claudia de Campos veiu demonstrar-me que se deu n'ella a mesma inversão de espirito que nos poetas: é uma mulher, mas de espirito scientifico.

A Baroneza de Stael, a escriptora da França tão conhecida do nosso publico que lê litteratura franceza, está photographada com tal minucias de detalhes, que bastaria isso para se avaliar das suas tendencias de vocação. Só quem procura saber a razão dos factos é que podia preocupar-se em analysar assim esmiuçadamente essa complicada figura de degenerada, voluptuosa, *détraquée*, intelligente e até mesmo genial n'um certo tempo, talvez pela fricção do cerebro de amantes intelligentes, aos quaes ella, dominadora, capciosa e altiva, se queria superiorisar fazendo para o conseguir um soberbo esforço intellectual. Ah! mas com o nosso compatriota D. Pedro, o duque de Palmella, os seus esforços foram baldados, e esta parte do livro de Claudia de Campos, de bôa valia para o conhecimento d'esse homem ligado muito de perto aos annaes da nossa diplomacia e da nossa historia, só por si, dava bastante utilidade ao seu trabalho.

O diplomata correcto, habil, esperto, — um homem ás direitas, — está documentado superiormente em muitas claras paginas do novo livro, e o estylo facil, lavado de pretensões ridiculas, liga-se tão bem á figura do duque, como uma estatua cinzelada a largos traços, que é afinal a unica maneira de evocar, de reviver, quer na monographia quer no theatro, essas figuras antigas dos antigos portuguezas, os homens de quem o vulgo diz: *d'antes quebrar que torcer*.